

Só para homens! Sexo nos banheiros públicos do Centro Comercial Colombo em Lisboa

Gustavo Vieira de Moraes*

Resumo: Este trabalho de campo foi realizado durante um intercâmbio acadêmico em Lisboa para a disciplina de Antropologia em Contextos Urbanos. Trata-se de um relatório sobre o percurso na cidade e as experiências particulares que os grandes centros urbanos proporcionam a quem circula pelos seus espaços. Através da etnografia, foi possível compreender como eram construídas as práticas sexuais entre frequentadores dos banheiros masculinos do Centro Comercial Colombo. Estimular o pensamento crítico e fomentar o debate acadêmico sobre este tema ainda marginalizado pela sociedade são os principais objetivos deste trabalho.

Palavras-chave: etnografia, sexualidade, contextos urbanos.

A rua como parte social

A dificuldade para se conceituar a rua é comum a todos os indivíduos que se permitem pensar sobre este espaço urbano tão interessante e rico de significados; mesmo tendo noção que ela ocupa grande parte do nosso dia-a-dia, no contato diário com este lugar já conhecido.

Para os sociólogos (HAMILTON, 2003, p. 96-103), há duas maneiras de entender o que seria a rua. A primeira delas é pensar a rua como parte social, um local chave para as relações sociais entre as pessoas. Enquanto que, para o segundo grupo, a rua é uma metáfora para o que se entende da vida moderna, o imaginário sobre o que representa a modernidade e seus aspectos fundamentais.

Os sociólogos que percebem a rua como uma parte social têm como foco o entendimento que a natureza específica está na dinâmica social apresentada pela própria rua e suas personagens, a ordem social e a sociabilidade. Neste trabalho, darei mais importância ao primeiro entendimento sobre a rua, pois acredito que este espaço urbano potencializa os encontros e as relações entre indivíduos de todas as idades, diferentes classes e gêneros.

A proposta da rua como laboratório para compreender a natureza humana e os processos sociais se torna apropriada quando se pensa que é justamente na rua que todos se expõem. É possível perceber traços da personalidade, pequenos hábitos ou aspectos contingentes, particulares e fugitivos na interação social.

*Graduando em Publicidade e Propaganda – UFG

Sexualidade permitida

Ao entender que a rua é parte da sociedade e que nela atuam as normas e os valores ditados pelas instituições sociais, como a família, a Igreja, o Estado, a ciência e outros, nota-se uma classificação de comportamentos que são aceitos ou não em relação ao espaço público e ao espaço privado; sendo a sexualidade um dos comportamentos normatizados.

Para Foucault,

Esse controle e vigilância sobre a sexualidade do outro se efetiva na história do ocidente a partir de elementos discursivos que promulgam quem pode, como pode, quando pode, o porquê da efetivação e ainda aonde é possível e permitido a realização da prática sexual (ARANTES, 2010, p. 1).

Sendo assim, a prática sexual que não se encaixa no modelo tradicionalmente aceito pela sociedade, o sexo heterossexual, monogâmico e em locais privados, é rapidamente marginalizada e envolvida numa tentativa de torná-la invisível. Tendo em mente que a sexualidade não é um aspecto menor da vida social, se comparado a outros como economia, política e educação, leva-se em consideração o que é dito por Miskolci e Simões: “Se assumirmos que o desejo sexual é uma construção social e histórica na qual se baseia a norma heterossexual, então ele deve marcar processos sociais e institucionais importantes e ainda pouco explorados” (MISKOLCI; SIMÕES, 2007, p. 15).

Dentro deste âmbito de discussão, o banheiro público se mostra como interessante objeto de estudo para um trabalho de Contextos Urbanos, uma vez que a possibilidade de resistência às normas, quando se percebe que este espaço (ora público, ora privado) permite a realização de práticas sexuais marginalizadas, resulta da organização do homem dentro da esfera social, mais especificamente a cidade.

Em um estudo sobre a comunidade de surdos de São Paulo, o professor José Guilherme Cantor Magnani faz considerações pertinentes sobre essa tênue linha entre espaços públicos e espaços privados. O comportamento e a interação do grupo estudado diferiam de acordo com o espaço que ocupavam, pois mesmo em locais públicos a apropriação se dava de forma diferenciada de acordo com a situação. Uma de suas conclusões foi “perceber que não se podia acoplar a paisagem urbana a uma só modalidade de espaço público, mas era preciso distinguir as formas em que esse espaço público se apresentava” (MAGNANI, 2003, p. 90).

Ainda conforme as considerações de Magnani, em outro estudo sobre a rua, há o que ele chama de “pedaço”, termo que designa “aquele espaço intermediário entre o privado e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável” (MAGNANI, 2007). Talvez, seja necessário encarar o banheiro público como um pedaço, já que ele apresenta características esperadas do espaço público como “a novidade, o imprevisto, a possibilidade de contato com pessoas que não estão vinculadas pelos laços de parentesco” (MAGNANI, 2007) e do espaço privado, como a segurança, o acesso restrito a um grupo que frequenta o centro comercial e que seja do sexo masculino.

Além desta relação entre privado e público, há a separação entre o masculino e o feminino, atravessada por condutas esperadas de cada gênero que se reafirmam na sociedade. De acordo com Preciado,

Não vamos aos banheiros para evacuar, senão para fazer nossas necessidades de gênero. Não vamos mijar, senão reafirmar os códigos da masculinidade e da feminilidade no espaço público. Por isso, escapar do regime de gênero dos banheiros públicos é desafiar a segregação sexual que a moderna arquitetura urinária nos impõe há mais ou menos dois séculos: público/privado, visível/invisível, decente/obsceno, homem/mulher, pênis/vagina, de-pé/sentado, ocupado/livre... (PRECIADO, 2006, p. 2).

Apesar da natureza transitória e heterogênea das condições sociais não serem características exclusivas das grandes cidades, como foi apreendido por Gans quando disse que “em condições de transitoriedade e heterogeneidade, só há interação entre as pessoas em termos de papéis segmentados necessários à obtenção de serviços locais. As suas relações revelam, assim, anonimato, impessoalidade e superficialidade” (GANS, 1968, p. 103) e que mais tarde foi provado por muitos anos de experiência empírica; cabe, aqui, a visão da cidade como um espaço fragmentado, heterogêneo, com grande escala e que permite ao indivíduo o anonimato para que ele realize desejos e vontades sem ser reconhecido. O banheiro público é um dos lugares em que ele exercita a sua sexualidade e encontra parceiros para o ato sexual descompromissado e impessoal; além dele, vale dar luz às saunas, aos clubes de sexo, às casas de orgias e aos cinemas de pegação. Como foi dito por Foucault, estes lugares se apresentam como “laboratórios de experimentação de novos usos dos prazeres, de novas formas de existência” (FOUCAULT, 2004, p. 119-125 *apud* JÚNIOR; RAGO [org], 2010, p. 49).

A apropriação do banheiro público para atividades sexuais leva a uma reflexão sobre a natureza deste espaço que pode ser classificado como não-lugar, definido por

Augé e comentado por Neto em um trabalho acadêmico sobre as práticas sexuais em banheiros públicos de uma universidade brasileira. Segundo o pesquisador,

Os chamados não-lugares não existem como formas unívocas. São locais que recompõem relações e embaralham os diversos tipos de pessoas. Esses espaços são constituídos em relação a certos fins e como será a relação que os freqüentadores mantêm com esses. Seriam recintos de circulação e comunicação, onde fica difícil apreender tanto a identidade como a história de uma pessoa (NETO, 2005, p. 27)

Este trabalho não aponta somente para a necessidade de compreender as diversas maneiras de exercer a sexualidade, mas também amplia a discussão para a análise das mudanças sociais na organização das experiências sociais. “A metrópole é, nesse sentido, um fantástico laboratório de interpretação das manifestações locais e globais da contemporaneidade” (FREITAS, 2007, p. 41-53).

A ida ao terreno

Assim que iniciei o intercâmbio e as disciplinas de Antropologia, soube que haveria como parte da avaliação final um trabalho etnográfico e, por conta disso, me direcionei para os locais caracterizados pelo sexo, seja por relações, serviços ou produtos oferecidos.

Através de uma busca virtual, encontrei endereços de possíveis pontos de estudo em Lisboa, como os cinemas pornô, as saunas gays e as casas de *strip*. Para a disciplina de Etnografia, realizei o trabalho de campo no Cine Paraíso, um cinema de pegação em Bairro Alto.

Depois de visitar quatro centros comerciais e seus banheiros, me dei conta que os banheiros do Centro Comercial Colombo (CCC) eram ideais para o trabalho de campo; uma vez que eram próximos da minha residência, o acesso era fácil, o tamanho considerável do centro comercial propiciava um grande número de visitantes e, conseqüentemente, o fluxo de homens que procuravam os banheiros para satisfazerem outras necessidades era significativo para uma pesquisa antropológica.

Neste trabalho, destaco a fundamental influência do perfil do pesquisador em relação aos resultados obtidos em campo. O fato de ser homem e homossexual permitiu o acesso fácil ao terreno e aos informantes, assim como ter sensibilidade de perceber determinadas situações discretas que provavelmente não seriam vistas por um homem heterossexual, como foi observado várias vezes nas visitas aos banheiros.

Após uma semana observando o movimento e o número de homens que circulam pelos corredores do CCC e que passam seguidamente em vários banheiros em determinado tempo, percebi que um deles era o mais requisitado, independente do horário em questão. Logo, escolhi este banheiro, no segundo piso e próximo à saída Oriente, para ilustrar a minha pesquisa e direcionar a minha observação participante; sem descartar eventuais visitas aos outros banheiros, seja para observar o que acontecia ali ou para seguir homens que estavam em determinado banheiro e que iam para outro mais tranquilo.

O fato de não ser um banheiro próximo da praça de alimentação e do cinema (terceiro piso), localizado no segundo e não no primeiro piso, onde há uma maior movimentação de pessoas por causa do supermercado Continente, o acesso por escadas e, talvez, pelo formato diferenciado dos mictórios em relação aos outros mictórios dos demais banheiros (este facilita a visão do pênis para quem está ao lado) são possíveis explicações para a preferência deste banheiro para as práticas sexuais.

Neste momento, cabe uma descrição mais detalhada do ambiente pesquisado. Como em muitos centros comerciais, os corredores com portas, cabines telefônicas e saídas de emergência antecipam as entradas para os banheiros, divididos em duas classes: feminino e masculino. Além disso, destaco uma particularidade: havia os banheiros de rápido acesso no mesmo nível de quem passava pelo corredor e ainda os banheiros superiores, com portas identificando qual era o gênero, situadas no fim das escadas que ligavam o corredor a estes espaços; por causa disso, pouco explorados pelo público do centro comercial.

Ainda sobre a estrutura dos banheiros, os mictórios destes se diferenciavam dos demais por ter uma divisão de acrílico mais baixa, enquanto que os outros eram separados por uma placa de mármore. O próprio mictório tinha um formato particular, redondo, pequeno e feito de alumínio, enquanto que os demais eram feitos de cerâmica.

No início, fiquei com receio de que a minha permanência contínua no terreno pudesse inibir os frequentadores e alterar as características das relações ali praticadas. No entanto, isso se desmistificou assim que permaneci por um período maior e ao ficar claro para eles que a minha presença ali não significava vigilância ou denúncia. A minha participação se restringiu à observação, com algumas perguntas soltas, sem entrevistas formais. Porém, não me limitei a permanecer parado num canto, passeava pelo banheiro, ia até a pia, olhava o que acontecia pelo espelho, caminhava até o mictório, urinava e observava os olhares e as atitudes de quem estava ao lado.

Ao contrário do que aconteceu em outro exercício num cinema de pegação em Lisboa, eu não era visto como uma incógnita que não se encaixava no local e sim como um *voyeur* que gostava de observar o que acontecia e que mantinha a discrição.

É difícil mencionar quantas foram as visitas ao CCC com o propósito da pesquisa etnográfica, já que antes de eleger o banheiro do segundo piso e saída Oriente como meu objeto de estudo, fui diversas vezes para entender a movimentação e a escolha desse banheiro como o mais requisitado pelos homens que buscavam as práticas sexuais. Após isso, foram 20 visitas registradas no diário, que duravam cerca de quarenta a sessenta minutos, entre saídas e entradas neste e em outros banheiros. A interação se restringia basicamente a olhares e sorrisos, sem aproximações íntimas ou masturbação mútua; com algumas recusas aos convites de entrar nas cabines ou tocar o órgão genital e perguntas enquanto estava lavando as mãos na pia, como por exemplo: qual era a ocupação dele, o que ia fazer depois que saísse dali, se morava perto do centro comercial, etc.

A pretensão de traçar um perfil do praticante de sexo em locais públicos foi rapidamente abandonada ao perceber a diversidade dos homens que iam até o banheiro para procurar um parceiro sexual. Desde o começo da observação, me deparei com homens solteiros e casados; jovens, maduros e idosos; altos e baixos; magros, gordos e atléticos; a desconstrução da imagem do frequentador de banheiro público que busca o sexo foi uma constante em todo o meu trabalho. Em muitos momentos, me surpreendi com certas situações, como foi o caso relatado no diário de campo:

Um fato interessante foi quando estava na pia lavando as mãos e vi a entrada de um senhor que, provavelmente, deveria ter mais de 65 anos e com certa dificuldade para andar. Quando ele se aproximava do urinol e se encaminhava para estar ao lado de outro senhor é que a situação me chamou a atenção. Ao me distanciar para um local estratégico, observei que ambos estavam se masturbando um para o outro e mantendo o contato visual (Trecho dos apontamentos do dia 14 de maio de 2011).

O ponto inicial da observação foi perceber como eram feitas as aproximações e qual era a linguagem usada para efetivar o contato sexual entre os homens.

Durante um ensaio feito por Durval Muniz sobre a estética dos romances homossexuais, ele aborda justamente a natureza destes encontros que só irão perdurar na memória do amante, pois naquele momento da prática sexual tudo se torna intenso e sensorial, sem tempos para a corte.

Só depois que, o jovem da periferia, com seu tênis e jeans puídos, guiado até o banheiro mais próximo, por um simples aceno de cabeça ou um morder de lábios cheio de de-

sejo, fecha a porta atrás de si, o amante se queda, ainda sôfrego, procurando prolongar a sensação do gesto do carinho feito em seus cabelos por mãos geladas, trêmulas, úmidas de medo e de emoção (JÚNIOR; RAGO [org], 2010, p. 48).

Não foi preciso muito tempo para entender que a linguagem verbal não era utilizada e o que predominava no ambiente eram os gestos e os olhares. A palavra dava lugar às possibilidades de comunicação não verbal e o olhar era o primeiro recurso utilizado para estabelecer uma aproximação com o outro. Após o consentimento, ou seja, o contato visual prolongado, a masturbação era o próximo passo para mostrar a excitação e o interesse pelo corpo alheio. “Um ato sexual afásico, um encontro que resultou apenas da linguagem dos gestos, dos toques, dos olhares, um ato sexual em que a boca esteve ocupada com outras práticas que não a da fala” (JÚNIOR; RAGO [org], 2010, p. 46).

A única preocupação neste instante era ter a segurança de que ninguém indesejado, seja outro frequentador ou responsável pela limpeza, entrasse no ambiente e perturbasse a masturbação mútua. Quando isto acontecia, ambos se separavam e se mostravam indiferentes ao outro. Quase sempre um deles se encaminhava para a pia e se prolongava no ato de lavar as mãos e secá-las ou saía do banheiro e regressava após alguns minutos.

No entanto, em várias ocasiões, a reaproximação dos corpos se dava logo após o indivíduo recém-chegado entrar em alguma das repartições sanitárias, pois ali a sua visão do que acontecia no urinol estava limitada e nada se sabia do que se passava entre os homens observados.

O perigo de ser flagrado e o exibicionismo são características comuns entre os adeptos do sexo em banheiros públicos. Em um trabalho etnográfico sobre prostituição masculina, o antropólogo Perlongher traça comentários acerca dos assíduos frequentadores de banheiros que procuram parceiros sexuais, a quem ele denomina de “habitué”. Para o autor,

O mictório ocupa o lugar mais baixo na categoria dos locais de engate homossexual. É, junto com as saunas, o mais diretamente sexual, o menos ‘amoroso’; mas é também o mais perigoso, pois está sujeito a esporádicas irrupções policiais... No meio dessa profusão de fricções e masturbações exibicionistas, a abordagem não é, porém, indiscriminada, mas exige certo ritual de olhares e apalpações. Os michês, como o resto dos habitués, ficam se exibindo nos mictórios (PERLONGHER, 1987, p. 170-172).

Outro ponto que vale ser destacado é o interesse de cada um neste espaço urbano. Ao contrário da idéia generalista de que todos buscam o mesmo objetivo quando

procuram o banheiro público, a realidade se mostra diferente e abre um leque de desejos sexuais. Além da masturbação mútua já citada, muitos homens estão ali para exibir o órgão sexual para outro homem; outros permitem o toque no pênis, mas sem outros contatos íntimos como beijos e abraços; alguns avançam para o sexo oral, sendo que em algumas situações isto acontecia fora das repartições sanitárias. Em nenhuma das visitas cheguei a identificar uma relação sexual com penetração, seja pelo imediatismo do prazer ou pelas possíveis interrupções de terceiros.

É necessário deixar claro que era comum estarem de quatro a seis homens simultaneamente circulando pelo banheiro, inteirados e interessados no que estava acontecendo ali, o que deixava a situação confortável e prazerosa para aqueles que queriam ir para a cabine ou se exibirem durante o rito sexual. A organização do espaço só se modificava quando outro homem ou funcionário da limpeza entrava no ambiente; neste instante, alguns continuavam no urinol enquanto outros se voltavam para a pia ou saíam do banheiro discretamente. Percebi que uma boa parcela dos usuários era alheia às relações sexuais, pela maneira de se portarem pareciam não ter muito conhecimento do que estava acontecendo ali.

Apesar deste fluxo de pessoas durante o ato sexual, nem todos tinham o interesse da exposição ou permitiam que um terceiro homem participasse das relações sexuais. Quando isto acontecia, um deles sinalizava para o outro que a melhor maneira era sair daquele banheiro e buscar outro mais tranquilo onde eles não fossem incomodados por outros participantes. A motivação mais comum para esta mudança de ambiente era a observação indesejada de algum homem muito velho, idosos que tinham o hábito de frequentar os banheiros e observarem homens mais novos se masturbando no espaço dos mictórios.

O encerramento das práticas sexuais não significava o alcance do orgasmo por algum dos parceiros; isso se dava geralmente pela interrupção de terceiros que obrigava o distanciamento ou até mesmo a saída de algum deles. Por vezes, o ciclo se reiniciava quando, novamente, um dos homens buscava um novo banheiro e um novo parceiro sexual.

Durante as visitas ao terreno, em nenhum momento constatei que o banheiro público serviu como ponto de encontro para homens que já se conheciam anteriormente. E, em algumas observações detalhadas, ao seguir pelo CCC homens que haviam se relacionado, pude notar que o envolvimento não se estendia para além da porta e dos limites do banheiro público.

Cidade da contestação

A partir da experiência antropológica, cabe aqui a visão de alguns sociólogos que enxergam a rua como uma metáfora para o que se entende da vida moderna, o imaginário sobre o que representa a modernidade e seus aspectos fundamentais.

Compreender a cidade como um instrumento de contestação é refletir sobre os eventos que subvertem a ordem urbana, tratando de transgredir o controle simbólico das ruas.

É possível notar que a utilização do banheiro público para a realização de práticas sexuais foi uma resposta inconsciente à normatização da sexualidade pelas instituições sociais. Enquanto o sexo heterossexual monogâmico e privado é aceito, a relação homossexual encontra uma maneira de subverter a divisão dos banheiros em masculino/feminino e exercer sua sexualidade em locais públicos.

A possibilidade de se relacionar sexualmente num espaço segmentado a partir da diferença de gêneros reflete a contestação de um grupo marginalizado da sociedade. Foi muito interessante notar que a “rebeldia” só tornou-se viável através do controle social, pois a classificação do banheiro para mulheres ou para homens criou um ambiente propício para que eles (os homens) tivessem o livre trânsito num espaço de intimidade completamente masculino.

A oportunidade de circular e, possivelmente, observar o corpo do outro é única neste local, pois somente no banheiro todos se sentem confortáveis para praticarem as suas necessidades e exibirem as suas partes íntimas. Neste momento, há uma linha tênue entre o privado e o público, confundindo as normas sociais que regulam as condutas a partir do gênero; atitudes que não são esperadas do masculino se realizam neste espaço urbano ímpar.

A partir de sentidos e significados variáveis, os homens que se permitem a estas práticas em busca da efetivação do prazer, questionam a vigilância e o controle sobre a sexualidade do outro; embora nem sempre esse questionamento seja consciente, ele se dá naturalmente pela situação.

Mesmo com o perigo de estes homens serem flagrados e repreendidos, a reapropriação deste local para encontros sexuais não parece ser ameaçada de extinção. Pelo contrário, as técnicas para driblar o responsável pela limpeza ou outros homens que passam por ali se multiplicam e passam de boca a boca para os frequentadores dos banheiros públicos. No entanto, há que ressaltar que esta resposta à normatiza-

ção da sexualidade não é a única motivação destes homens que procuram o banheiro para as práticas sexuais; o desejo, o fetiche e a fantasia fazem parte do imaginário dos habitués dos banheiros.

As chamadas perversões ou as práticas sexuais consideradas não canônicas funcionariam, inclusive, como um atrativo para os homens que, procurariam nas relações homoeróticas, a novidade, a exploração de zonas erógenas, o uso do corpo que as relações sexuais tradicionais com as mulheres não permitiriam: o sexo oral, o coito anal, o cunilingus, a podolatria, o travestismo, o banho prateado e dourado, o sadomasoquismo, etc. (JÚNIOR; RAGO [org], 2010, p. 46).

Considerações finais

Ao fim deste trabalho, traço uma pequena relação entre as práticas sexuais nos banheiros públicos com algumas noções e características do modo de vida urbano, definido pela Escola de Chicago.

Apesar das conhecidas críticas (pertinentes) à ideia de cidade levantada pelos pesquisadores de Chicago, como a generalização limitada pelo tempo histórico e pela variabilidade dos contextos urbanos, o uso dos estereótipos, a sobrevalorização dos aspectos negativos da cidade e a desvalorização da cidade como integridade social, é possível perceber que as aproximações entre os frequentadores dos banheiros públicos do Centro Comercial Colombo se encaixam em alguns aspectos que Wirth apontou sobre o estilo de vida da cidade e que mais tarde foi alargado para outros contextos por Gans.

As relações sociais e sexuais entre os homens observados são marcadas pela: impessoalidade, uma vez que a identidade do parceiro não é um fator relevante; superficialidade, a busca pelo prazer imediato se apresenta como único motivo da aproximação; e efemeridade, pois as relações iniciadas não ultrapassam a fronteira dos banheiros e se tornam passageiras na vida de ambos.

O objetivo deste trabalho não é julgar àqueles que procuram o banheiro público para exercerem a sua sexualidade. Pelo contrário, a intenção é alargar a possibilidade de visão para que se enxergue outras maneiras de se praticar o ato sexual, mesmo que isto abale o modelo construído da relação sexual permitida socialmente.

A oportunidade de ir até o terreno e observar a pluralidade de homens que iam aos banheiros em busca do prazer sexual foi muito importante para compreender que o espaço permitia a coexistência de diferentes modos de vida, e de uma liberdade sexual não reconhecida.

Referências

- ARANTES, J. E. R. (2010). *Do Padre Pelágio ao Novo Mundo: uma proposta de etnografia dos “banheiros” nos terminais do Eixo Anhanguera*, p. 1. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278285065_ARQUIVO_Trabalho-CompetoJoseEstevaoRochaArantesFG9-.pdf> Acesso em 26/mai/2011.
- FOUCAULT, M. (2004). “O Triunfo Social do Prazer Sexual: uma conversa com Michel Foucault”. In: JÚNIOR, D. M. A.; RAGO, M. (org.) Dossiê: Foucault e as estéticas da existência. *Revista Aulas* [online]. 2010, n. 7. p. 49. ISSN 1981-1225. Disponível em: <http://www.unicamp.br/~aulas/Revista_Aulas_Dossie_06_Foucault_e_as_esteticas_da_existencia.pdf>. Acesso em 26/mai/2011.
- FREITAS, R. F. (2007). “Simmel e a Cidade Moderna: Uma contribuição aos Estudos de Comunicação e Consumo”. In: *Comunicação, Mídia e Consumo/Escola Superior de Propaganda e Marketing*. V. 4, n. 10 p. 41-53, São Paulo: ESPM.
- GANZ, H. (1968). *Peopole and plans: essays on urban problems and solution*. New York: Basic Book.
- HAMILTON, P. (2003). “The street and everyday life”. In: *Understanding Everyday Life*, p. 96-103, EUA: John Wiley Professional.
- JÚNIOR, D. M. A.; RAGO, M. (org) (2010). “Amores que não tem tempo”. In: Dossiê: Foucault e as estéticas da existência. *Revista Aulas* [online], n. 7. p. 41-57. ISSN 1981 1225. Disponível em: <http://www.unicamp.br/~aulas/Revista_Aulas_Dossie_06_Foucault_e_as_esteticas_da_existencia.pdf> Acesso em 26/mai/2011.
- MAGNANI, J. G. C. (2003). “A antropologia urbana e os desafios da metrópole”. *Tempo soc.* [online], vol. 15, n. 1, p. 90. ISSN 0103-2070. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702003000100005>>. Acesso em 26/mai/2011.
- _____. “O pedaço das crianças” [online]. In: *NAU – Núcleo de Antropologia Urbana da USP*. Disponível em: <<http://www.n-a-u.org/magnaniopedacodascriancas.html>>. Acesso em 10/ago/2012.
- MISKOLCI, R.; SIMÕES, J. A. (2007). “Apresentação”. *Cad. Pagu* [online], n. 28, p. 9-18. ISSN 0104-8333. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332007000100002>>. Acesso em 10/ago/2012.
- NETO, F. S. C. (2005). *Banheiros públicos: os bastidores das práticas sociais*, Dissertação de Mestrado (Pós Graduação em Ciências Sociais), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. Disponível em: <<ftp://ftp.ufrn.br/pub/biblioteca/ext/bdtd/FranciscoSC.pdf>> Acesso em 28/mai/2011.

PERLONGHER, N. (1987). *O negócio do michê: a prostituição viril*. p. 170-172. São Paulo: Brasiliense.

PRECIADO, B. (1970). *Sujeira e Gênero. Mijar/Cagar. Masculino/Feminino*. Disponível em:<<http://blogs.myspace.com/index.cfm?fuseaction=blog.view&friendId=173466700&blogId=276091123>> Acesso em 26/mai/2011.

Recebido em abril/2012

Aprovado em julho/2012